

Não é preciso dizer mais nada

“Reduzida a ouvir-te, vejo-te com os ouvidos.....”

Ter a ilusão de estarmos abraçados um ao outro e de repente interpor caves, esgotos, uma cidade inteira entre nós..... Lembras-te da Ivone que não podia conceber como a voz passava através dum fio tão torcido? Pois tenho o fio em volta do pescoço. A tua voz em volta do pescoço.....”

Jean Cocteau, A Voz Humana

De repente a voz transforma-se em sensação física, as palavras cruzam o pensamento como se fossem objectos a deslocar-se no espaço e a ocupar um lugar. Parece que o som se transforma em ser físico, material, impenetrável, qualquer coisa que se pode tocar e agarrar com as mãos, ver com os olhos. A sua natureza é invasiva: ocupa tudo, assoma todos, não conhece fronteiras, limites. Por oposição às imagens que conhecem múltiplos constrangimentos.

Orfeu é a realização do mito da proibição do olhar: ele é o cantor a quem a música da sua lira abriu as portas do Hades para resgatar Eurídice. A regra imposta pelos deuses é que até chegar à saída do mundo subterrâneo, Orfeu tem de seguir na frente de Eurídice e não olhar para trás: mas a sua natureza ou, se preferirmos, a sua *hybris*, impelem-no a procurar com os olhos aquilo que a sua voz canta. Orfeu é o nome que damos ao herói que, tragicamente, perde o amor no momento da sensação visual.

Em “Red Phone” Luisa Cunha não está a pensar em Orfeu, nem no conjunto das proibições ligadas à formação de imagens. Mas a matriz é comum. A inexistência de imagem não está ligada a nenhum tabu visual, mas diz respeito à tentativa de ver o que existe no espaço “entre” aquilo que se diz e aquilo que ouve, “entre” a voz do outro e a sua imagem, o seu rosto, o seu corpo. Na voz que ouvimos no telefone vermelho – símbolo do poder, da urgência, da voz que comanda – o pensamento e o outro dão-se enquanto formas invisíveis e indivisíveis.

Pelo telefone ouve-se: “*I am thinking... what you are thinking*”, depois acrescenta “*what you are thinking is what i am thinking*” e termina “*exactly what you are thinking is what I am thinking / let us put an end to what we are thinking.*” A conclusão do fluxo do pensamento demite todo e qualquer excesso de palavras, opta pela contenção e pela utilização de um mínimo de recursos: como se aquilo que está a ser dito só pudesse ser ouvido pelos poucos que entendem aquela espécie de código clandestino. Neste quase clima conspirativo, a voz sabe que é ouvida e que é entendida: aquilo que diz, as pausas que faz e o que deixa por dizer fazem parte de um discurso cujo sentido é maior do que o estritamente escutado.

Podem fazer-se extrapolações sobre o modo como a intimidade é construída num espaço de partilha, de comunidade, de encontro. Depois há o exercício do poder: a voz lança bombas, agride, controla, impõe, subverte, liberta. Podíamos acrescentar outra metáfora da voz como força subversiva e invasiva: esta é a do “Big Brother” do 1984 de Orwell. Uma voz que molda a história, altera os factos, constrói o real e aquilo que se pode ver e pensar. Mas em “Red Phone” a não nomeação provém de se dizer o mais importante não só através das linhas, mas por entre as linhas. Por isso a esta voz

corresponde a possibilidade de num mundo em que muito pouco se pode dizer o mais decisivo fica no não-dito, nas palavras que se subentendem mas que não são proferidas. “Red Phone” vive no intervalo “entre” aquilo que se diz e o que verdadeiramente se quer dizer: é esta a sua condição.

Todas estas vozes se encontram no “Red Phone” de Luisa Cunha. Todas são evocadas enquanto possíveis fisionomias da ferramenta política, estética e amorosa em que a palavra dita se pode transformar. O silêncio em que se fica no final não quer dizer que não há mais nada para dizer, mas sim que já não precisamos dizer mais, o importante foi já foi dito e é só desligar o telefone.